

ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA NO CAMPO JORNALÍSTICO-MIDIÁTICO percursos de letramento crítico

MARIA DE LOURDES ROSSI REMENCHE,
ANA PAULA PINHEIRO DA SILVEIRA
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Abstract - This article aims to investigate how linguistic/semiotic analysis constitutes a powerful language practice for critical literacy. For the qualitative-interpretive analysis, three text-enunciations from the journalistic-mediatic field were selected, specifically a meme and two headlines published by the Jornal Extra during the Covid-19 pandemic. The analysis was based on the studies of the Bakhtin Circle (2010, 2013, 2014), Lankshear and Knobel (2007, 2020), and Van Dijk (1993). The results of the analysis demonstrate that working with LSA in multisemiotic texts reveals the modes of organization and the elements of other semiotics that, in conjunction, compose the meanings of the text. The implementation of these language practices in the school's space-time are fundamental for the production and comprehension of contemporary texts that signify through the presence/absence of multimodal elements.

Keywords: National Common Curricular Base; Linguistic Analysis/Semiotics; Multimodality; Journalistic-media field; Critical Literacy.

1. Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (2018) brasileira, doravante BNCC, configura-se como um documento curricular que parametriza concepções e práticas de ensino que impactam diretamente a construção de currículos por parte das escolas e redes de educação. Silva (2017) esclarece que o currículo é o resultado de uma seleção em que, de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes, seleciona-se o que vai constituir o currículo. Nesse sentido, a BNCC assume um discurso em prol da construção de currículos que promovam, para os estudantes, “experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (Brasil 2018, pp. 65-66).

Para Lankshear e Knobel (2007) os letramentos acionam, cada vez mais, as condições sociais, econômicas, culturais, políticas e cívicas contemporâneas, pois o surgimento e desenvolvimento da web deram origem a novos letramentos

que requerem conhecimentos operacionais e culturais para acessar as novas formas de trabalho e as práticas de letramentos circulantes na cibercultura.

No cenário escolar, tal abordagem implica um trabalho com práticas de linguagem que, na proposta da BNCC, precisa estar situada em diferentes campos de atuação, dentre eles o jornalístico midiático. Van Dijk (1991) destaca a influência desse campo na produção e consolidação de sentidos sociais, pois os discursos das elites não seriam tão influentes sem a função mediadora e, em geral consolidante, da mídia visto que a maioria das informações que as pessoas sabem sobre os sujeitos sociais sustenta-se na figura refletida e construída pela mídia.

Para a análise dos usos linguísticos, a BNCC (2018) agrega a abordagem semiótica ao eixo da Análise Linguística, contudo a pesquisa de Lourenço (2018) aponta que são poucos os objetos de conhecimento de semiótica elencados na BNCC (2018), ou seja, embora haja o disparador para essa ampliação das práticas de análise e reflexão da língua, há ainda muito a ser elaborado para ampliarmos tal abordagem no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, investigar o eixo análise linguística/semiótica, doravante AL/S, torna-se significativo para pensarmos em articulações necessárias nas práticas de letramento crítico.

Nesse sentido, este artigo objetiva analisar, a partir de uma abordagem qualitativo-interpretativista, como a análise linguística/semiótica constitui-se em prática de linguagem fundamental ao letramento crítico. Para a análise, de caráter qualitativo-interpretativista, foram selecionados 03 textos-enunciados do campo jornalístico midiático, mas especificamente duas manchetes e um meme. A seleção do gênero manchete se deu pelo fato de que muitos consumidores tendem a ler superficialmente um grande número de manchetes buscando atualização rápida e panorâmica sobre os acontecimentos do dia ou para decidir quais notícias lerão (Eckert *et al.* 2014). Isso ocorre porque a manchete possui um papel decisivo na atração da atenção do leitor para a leitura da notícia.

Para tanto, inicialmente discorreremos sobre conceitos fundamentais como análise linguística/semiótica, gênero manchete e a produção jornalística contemporânea a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin (2010, 2013, 2014), Lankshear e Knobel (2007, 2020) e Van Dijk (1991). A seguir, detalhamos os resultados da análise do corpus selecionado, considerando a contribuição dos aspectos multisemióticos e linguísticos no processo de produção de sentido.

2. Do eixo análise linguística/semiótica ao gênero discursivo manchete

2.1. A Análise Linguística/semiótica como prática de linguagem no ensino da Língua Portuguesa

Para o ensino de Língua Portuguesa (LP), no Brasil, a BNCC (2018) assume o texto como unidade de trabalho e estabelece os eixos leitura/escuta, oralidade, produção de texto e AL/S como práticas de linguagem a serem experienciadas/desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem de LP

O termo *Análise Linguística* já tem um histórico nas discussões sobre ensino de Língua Portuguesa no Brasil, pois foi cunhado por Geraldi (1984) para mobilizar uma concepção reflexiva sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento, no espaço-tempo da escola, dos fenômenos discursivos, textuais e gramaticais. Em seus estudos, Geraldi propôs o ensino de LP a partir de uma abordagem da leitura e de escrita de textos como práticas processuais, integradas e significativas socialmente, considerando como ponto de partida para a prática desse trabalho a análise das dificuldades identificadas na produção textual dos alunos.

Segundo Reinaldo e Bezerra (2013, p.16), a AL constitui-se como espaço de reflexão sobre recursos linguístico-textual enunciativos que são mobilizados na compreensão e produção de textos orais e escritos. Nessa abordagem, a AL articula-se à prática da leitura a fim de promover a reflexão sobre a organização da língua e seu funcionamento, contribuindo para a apropriação e domínio das práticas discursivas relacionadas à fala, escuta, leitura e escrita. Isso implica uma reflexão consciente não só sobre aspectos gramaticais, como também textual-discursivos mobilizados nas diferentes situações de interação social.

Há de se observar, contudo, que, no contexto escolar, o trabalho com AL continuou enfatizando aspectos de gramática tradicional. Embora não a mais importante, mas uma das causas dessa manutenção de prática se deve ao fato de que não há usos linguísticos ou mesmo reflexão sobre a língua sem que se acione uma gramática. Nesse sentido, o trabalho com a AL amplia tal abordagem, pois envolve não só princípios e fundamentos do funcionamento da língua, mas também contribui para a sistematização de conhecimentos sobre os usos situados da língua. Nessa perspectiva, a AL colabora para a mobilização das práticas de leitura e de produção oral e escrita ao explorar o funcionamento e o uso da língua em diferentes contextos sociais.

Como dito anteriormente, essa abordagem de estudo da língua não é nova e já estava presente nos documentos parametrizadores do ensino de Língua Portuguesa -os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (Brasil 1997, 1998) que propunham uma abordagem reflexiva sobre os usos da língua e da linguagem para o ensino da língua portuguesa de modo a privilegiar a dimensão interacional e discursiva da língua. Tal prática articula-se em torno do uso da língua oral e escrita e a reflexão acerca desses usos.

Em continuidade a esse trabalho, a BNCC traz a análise linguística como um dos eixos de aprendizagem em diálogo com os eixos de oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica). Contudo, a BNCC acrescenta à análise linguística a semiótica - mobilizando conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –

, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses (Brasil 2018). Essa inserção do termo semiótica reafirma o texto como unidade de sentido e joga luzes sobre o trabalho com as práticas de leitura multimodal. Tal abordagem evidencia uma tentativa de diálogo da BNCC com documentos e orientações curriculares produzidos no Brasil e que já estabeleciam o texto como unidade de trabalho numa abordagem enunciativo-discursiva da linguagem (Brasil 2018).

Em seus estudos, Bakhtin (2018) elabora uma reflexão a respeito das concepções monológica e dialógica da ideia em Dostoiévski e argumenta que “o sujeito que é cognoscente e domina a verdade ensina ao que não é cognoscente” (Bakhtin 2018, p. 91), ou seja, a concepção monológica privilegia uma única visão, um discurso autoritário que não se abre a percepções diferentes do mundo. A perspectiva dialógica, por sua vez, favorece a convergência de várias consciências da esfera comunicativa, não se fechando a uma verdade, mas possibilidades de sentido fundamentados em fatos, além de um discurso interiormente persuasivo que favorece a interação com o outro, com o contexto e, assim, desvela o discurso ideológico alheio.

Nessa concepção, a articulação análise linguística e semiótica visa à mobilização dos sentidos por meio da reflexão sobre a articulação verbo-viso-sonora em textos orais, escritos e multisemióticos. Isso implica o acionamento de vários ângulos e perspectivas, considerando fenômenos linguísticos, discursivo-textuais e viso-sonoros, pois, como assevera Lemke (2010), todo texto é multimodal e demanda a leitura dos modos multisemióticos que o constituem. Contudo Lemke (2010) alerta para o fato de que, embora as crianças explorem diferentes recursos semióticos, a escola ainda insiste na centralização do texto escrito, desconsiderando que os letramentos são plurais e dêiticos e não podemos “simplesmente colocar na frente deles os letramentos mais avançados e diversos de hoje. Precisamos ajudar essa geração a aprender a usar sabiamente os letramentos e esperar que eles saiam melhor do que nós” (Lemke 2010, p. 475).

Em articulação a essa demanda dos sujeitos da escola, os eixos para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, de acordo com a BNCC (2018), estão diretamente relacionados às práticas de linguagem situadas que o documento denomina de Campos de Atuação. Para os anos finais do Ensino Fundamental, são elencados os seguintes campos: Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, Campo jornalístico midiático e Campo de atuação na vida pública. Tais campos, segundo o documento, visam direcionar a contextualização do conhecimento escolar em práticas situadas, com a “função didática de possibilitar a compreensão de que os textos circulem dinamicamente na prática escolar e na vida social, contribuindo para a necessária organização dos saberes sobre a língua e as outras linguagens”. (Brasil 2018, p. 83).

Essas proposições evidenciam a necessidade de mobilizar, em sala de aula, a reflexão sobre o já-conhecido para, em um movimento de ampliação, explorar e produzir novas possibilidades de significar o novo em um movimento de *design* e *redesign* do conhecimento. Nessa acepção, propostas de reflexão sobre os diferentes aspectos linguísticos-semióticos sobre a linguagem são fundamentais para a reflexão e o uso intencional da língua/linguagem nas diferentes situações sociais de uso. Nesse sentido, Bakhtin (2013, p. 40) afirma que “ao serem iluminadas pelo seu significado estilístico, as formas secas gramaticais adquirem novo sentido para os alunos, tornam-se mais compreensíveis e interessantes para eles”.

2.2. O gênero Manchete na produção jornalística contemporânea

Como comentado, no componente curricular de Língua Portuguesa, a BNCC, a partir de uma abordagem enunciativo-discursiva, propõe a exploração do campo jornalístico-midiático como lócus de práticas de linguagem a fim de construir reflexões e usos relevantes para o processo de aprendizagem e de formação cidadã dos estudantes. Tal abordagem, contudo, precisa considerar não só que a mídia pauta os debates públicos no processo de naturalização de papéis sociais, como também a produção jornalística contemporânea vem, desde a década de 1990, dialogando com as mudanças de seu público e, conseqüentemente, vem modificando seu formato e acionando, cada vez mais, elementos multissemióticos, links e imagens estáticas (Longhi 2014). Nessa perspectiva, a AL/S constitui-se em espaço de reflexão sobre práticas de leitura e produção dos gêneros discursivos que circulam nesse campo visto que os gêneros jornalísticos contribuem para inculcar, sustentar ou modificar as representações que as pessoas têm sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo (Fairclough 2003).

Ainda que atrelado e dependente do jornal impresso, o campo jornalístico-midiático passou a explorar, de forma recorrente, aspectos da cibercultura como o uso de linguagem hipertextual na composição do sentido no texto escrito. Esse deslocamento promoveu uma mudança também no jornalismo impresso, pois, ao examinarmos a página de um jornal contemporâneo e compará-la com a de um jornal publicado na década de 90, podemos verificar a sofisticação do *design* gráfico, que aciona uma infinidade de mídias (hipertextos na Internet, textos na imprensa escrita, vídeos, filmes etc.). Tais construções apontam para o fim da periodização da leitura, hipertextualidade massiva, interatividade, multimidialidade, memória, surgimento de graus de personalização de conteúdos e maior autonomia do jornal digital sobre o impresso (Longhi 2014).

O modelo hipermediático aprimorou e criou novas ferramentas, resultando em recursos como chats interativos, enquetes, fóruns de discussões, além da possibilidade de personalização do conteúdo apresentado (Mielniczuk

2003). Nessa dinâmica de mudança, o jornalismo impresso, por sua vez, vem investindo em composições que articulam cores, fotografias, desenhos, outros gêneros etc. na construção de efeitos de sentido.

Isso implica um leitor capaz de produzir sentido para as diferentes semioses acionadas, ou seja, demanda letramentos multisemióticos, pois o letramento tradicional (da letra) revela-se insuficiente para dar conta das diferentes situações sociais da vida contemporânea. Soma-se a isso o modo híbrido ou multimodal como esses meios multisemióticos estão combinados e organizados em textos e hipertextos.

Nesse sentido, Medviédev (1928) argumenta que o enunciado aponta para aqueles que interagem com ele e para as suas condições de realização e percepção. Além disso, “quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra” (Bakhtin, Volóchinov 2014). Logo, o tema de um enunciado possui um acento valorativo, direcionando-se para além do mero objeto de sentido do texto e, para compreendê-lo, é necessário considerar em qual campo tal gênero circula e quais as suas condições e objetivos dentro desse campo.

Todas as escolhas, desde aspectos lexicais, gráficos e visuais, estão condicionadas ao estilo do interlocutor, contudo, essas escolhas estão sujeitas à funcionalidade do gênero, ao seu objetivo e a sua condição dialógica. Na esfera jornalística, o enunciador pode apresentar um estilo mais livre e com marcas de autoria, pois o objetivo das práticas discursivas desse campo varia em níveis de abertura para a individualidade do autor de acordo com a situação comunicativa.

Medviédev (1928) argumentam que não há conteúdo sem forma, assim como não há forma sem conteúdo, pois o enunciador tece a forma à medida que produz seu discurso, considerando um formato mais ou menos estável a ser adaptado para o seu objetivo discursivo. Nessa concepção, há uma relação de codependência entre a forma composicional de um discurso e o seu conteúdo temático. Nessa composição, faz-se necessário considerar a multimodalidade como parte fundamental.

Nesse contexto teórico, a manchete, na notícia, oferece um resumo do que virá à frente, pois funciona como “a parte mais conspícua de uma notícia” (Van Dijk 1991, p. 50). Isso ocorre porque a manchete é concisa e escrita com elementos multimodais que a colocam em evidência. A manchete possui posição estratégica e, de forma articulada com o lide, antecipa o tópico da notícia (Tewksbury, Hals e Bibart 2008, p. 46).

Na prática social de leitura, essas características ganham implicações cognitivas, sócio-semióticas e ideológicas. Isso ocorre porque esse gênero discursivo suscita, nos leitores, a construção de uma representação mental global sobre o texto, antecipando sentidos. Por ser um texto curto, a produção de manchete mobiliza escolhas categóricas (Van Dijk 1991), visto que ao selecionar uma palavra/ideia da narrativa para compor a manchete, o jornalista

tende a colocar em evidência uma informação em detrimento de outras. O reconhecimento de palavras na manchete ativa, na memória do leitor, o conhecimento relevante para que ele processe e compreenda a notícia (Van Dijk 1991).

Em uma perspectiva sócio-semiótica, a manchete estabelece um contexto para a leitura, antecipando o recorte do tema. Isso significa que a manchete pode desviar o sentido da notícia e, dessa forma, comprometer a produção de sentido. Para Eckert *et al.* (2014, p. 332), isso ocorre porque os leitores delimitam o processamento da informação subsequente, no corpo da notícia, à informação disponibilizada na manchete (a informação nova será examinada à luz da informação de partida) e essa nova leitura demandará mais esforço interpretativo por parte do leitor.

Para Van Dijk (1991, p. 51), em uma perspectiva ideológica, a “manchete resume a informação mais importante da notícia” (Van Dijk 1991, p. 50), contudo definir o que é mais importante passa pela subjetividade e interesses do enunciador que pode realizar deslocamentos e, dessa forma, promover falseamentos e deslizamentos de sentido. Tal perspectiva ideológica evidencia que o campo jornalístico midiático é, recorrentemente, influenciado pelo contexto social de relações de poder e, por isso mesmo, precisa ser mobilizado para o desenvolvimento de práticas de letramento crítico.

A manchete, por tudo isso, constitui-se em uma prática social de comunicação que demanda análise para evitar falseamentos de sentido e, dessa forma, potencializar a desinformação.

3. AL/S como prática de letramento crítico

Apple argumenta que o conhecimento circula imerso nas relações de poder que envolvem “a definição de quem tem o direito de nomear o mundo” (1977, p. 72). Nessa perspectiva, refletir sobre os usos linguísticos na prática de ensino de Língua Portuguesa potencializa a reflexão sobre a língua e a produção dos efeitos de sentido para que os sujeitos leitores possam ampliar a compreensão do mundo e agir sobre o mundo. A produção de sentido de textos multissemióticos demanda a articulação textual e discursiva, incluindo aí os aspectos multimodais. Por isso e considerando que todo texto é multissemiótico, o eixo de AL/S, no processo de ensino, precisa mobilizar os fenômenos relacionados não só ao sistema da língua, mas também à composição discursivo-textual e aos aspectos viso-sonoros.

Nessa perspectiva, Daley (2010, p. 488) argumenta que “direção de tela, enquadramento de objetos, escolhas de cores, formatação, cortes e dissoluções são estratégicos para a construção do significado, assim como advérbios, adjetivos, parágrafos, orações, analogias e metáforas o são para textos”. Isso

implica um trabalho com a conjunção de todos os modos semióticos presentes no texto.

Considerando esses aspectos, para a presente análise selecionamos três textos-enunciados da esfera midiática, mais especificamente um meme, que circulou no Twitter em 18 de março de 2020 e duas manchetes produzidas em 18 de março de 2020 e outra, no dia 24 de março de 2021 respectivamente. Esses textos-enunciados foram publicados pelo Jornal Extra, que circula, no modo impresso, na cidade do Rio de Janeiro, mas que transpõe as fronteiras territoriais devido à disponibilização on-line. Esse veículo de comunicação teve sua primeira edição datada de 05 de abril de 1998 e é publicado pelo grupo Infoglobo Comunicações e Participações S.A. Esse jornal, embora nos últimos anos, com o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), tenha produzido também edições extraordinárias somente em formato digital, mantém uma edição diária impressa em formato tabloide.¹

Os textos-enunciados a serem analisadas referem-se a manchetes sobre a Covid-19, doença causada pelo coronavírus. As primeiras notícias sobre a pandemia remontam ao final de 2019, quando, em 31 de dezembro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada que, na cidade de Wuhan, na China, houve uma notificação de vários casos de pneumonia provocados por uma nova cepa de coronavírus o SARS-CoV-2. Apenas um mês depois, em 30 de janeiro, os primeiros casos de Covid-19 já demonstravam o potencial de risco e de disseminação internacional o que levou a OMS a decretar que o surto consistia em uma Emergência de Saúde Pública de importância Internacional. Em 11 de março de 2020, um novo comunicado da OMS definiu a Covid-19 como uma pandemia.² Na ocasião, 4.291 pessoas tinham morrido por Covid, a maioria na China, e a Europa havia fechado suas fronteiras.

A primeira Manchete a ser analisada, figura 1, foi publicada em 18 de março de 2020, ou seja, quando já se sabia do potencial de contaminação da covid, com a publicação de alerta de pandemia da OMS para o mundo. Isso ocorreu 21 dias após a confirmação do primeiro caso de covid no Brasil que já contava com sete mortos.³

¹ De acordo com a Associação Nacional dos Jornais (ANJ) o formato tabloide tem em torno de aproximadamente 32 x 29cm.

² Segundo os dados extraídos em 12 de setembro de 2022, o SARS-CoV-2 contaminou 608.350.539 de pessoas e resultou na morte de 6.513.931 de vidas em todo mundo e 684.813 no Brasil, conforme informações do site <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>.

³ Dados extraídos no site: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/31/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-31-de-marco.ghtml>.



Figura 1

Capa: Jornal Extra, 18.mar.2020.

Fonte: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/extra/2020-03-19/>.

Embora o custo para a impressão do jornal em cores seja muito mais alto, é importante observar que, no projeto gráfico, as duas manchetes a serem analisadas (Figuras 1 e 3) foram produzidas em cores, e a seleção delas, em cada uma das capas em que se insere a manchete, contribui para a produção de sentidos. De Paula e Luciano (2020, p. 23) baseando-se em Volóchinov, defendem que: “Fora da encarnação em um determinado material, a construção enunciativa se torna abstrata, pois é necessário um material organizado (signo, desenho, tintas, som, traços, gestos etc) para a expressão objetiva”. Observa-se, portanto, que a seleção de elementos multimodais está estreitamente relacionada ao projeto de dizer, ou seja, o enunciador escolhe cuidadosamente, o gênero, a composição, o conteúdo temático e o estilo hibridizando elementos verbo-visuais, que convergem para a construção de sentidos.

A escolha da fotografia do Presidente Jair Bolsonaro, contrastando com o fundo azul e a manchete impressa com as letras em cor branca possibilita estabelecer relações com as cores da OMS, instituição que já havia alertado para a emergência em curso. Nesse contexto, a manchete em caixa alta, “PASSOU DA HORA DE ABRIR OS OLHOS”, impressas nas cores oficiais da OMS

(azul e branco) remetem à ampla divulgação pelos canais oficiais de notícias da instituição responsável pela saúde no mundo e ao descompasso do Brasil em aderir as recomendações da OMS.

Ao nos determos na imagem que compõe a manchete, constatamos que no centro da página, da edição de 18 de março, uma fotografia do presidente da República do Brasil, maior autoridade do país, apresenta um momento em que Jair Bolsonaro se atrapalha, durante uma entrevista sobre o novo coronavírus, e coloca em relevo um certo comportamento inadequado e meio patético do presidente. A manchete, em letra maior, caracterizando o destaque dado à matéria principal, por meio do enunciado “Passou da hora” aponta para a morosidade em reconhecer as recomendações da OMS. Essa expressão em língua portuguesa acentua que algo está ocorrendo fora do tempo, ou seja, que existe, na linha temporal, um atraso, que pode ser compreendido como acidental, não intencional ou até mesmo proposital, o que evidencia que há uma demora na ação diante do já sabido. Desse modo, “abrir os olhos” aciona a metáfora dos olhos vendados, da negação da verdade, do reconhecimento das evidências sobre a pandemia reiterada no ícone da máscara utilizada na imagem como uma venda, explicitando a escolha do político em insistir no movimento contrário ao assumido pela maioria dos países do mundo que já vinham adotando medidas para evitar e, até mesmo, frear a contaminação. Esses sentidos são reiterados pelas informações justapostas, localizadas no lado direito da capa: faz apologia da aglomeração; desrespeita as indicações do próprio governo, desorienta a população, ações que vão na direção contrária do que significa a expressão “abrir os olhos”, na qual se depreende a ideia da atenção diante de um fato, mas também pode significar alertar, advertir, prevenir.

Na parte inferior da fotografia do presidente, em fundo azul escuro, quatro outras chamadas de textos, com títulos e letras menores, fazem referência à situação da pandemia, colocando em evidência o problema da instabilidade do emprego, a necessidade de um auxílio para os trabalhadores de baixa renda, o corte de cobranças de tarifas de água, luz e gás e dicas de um personal para manter a saúde sem sair de casa, respeitando, portanto, as indicações de distanciamento social.

Seguindo o princípio de proximidade, conforme defende o *design* Williams (1995), em um projeto gráfico, os elementos que possuem relação entre si devem estar próximos, formando uma unidade visual, o que se verifica em toda a capa que concentra a manchete além de quatro chamadas para notícias de menor relevância. Importante, porém, observar que além da tarja superior com o nome do Jornal “EXTRA” e outros elementos fixos com as informações contendo a data, o dia da semana, o mês, o ano e número da edição, sob o fundo branco, encontra-se, ainda, delimitado por uma linha azul escura, um quadro na parte inferior da capa, indicando um deslocamento dos sentidos expressos na manchete.

Em um retângulo, com o título centralizado em destaque “ROTINA RESPONSÁVEL - DICAS PARA DIMINUIR A EXPOSIÇÃO EM CASA”, o jornal traz informações de como proteger-se e evitar a contaminação: mantenha a casa limpa, desinfete a casa com álcool 70%; evite uso compartilhado de piscina e *playground*; cozinhe, se possível, evite em *delivery*; reduza o número de saídas de casa; não compartilhe objetos pessoais e deixe os sapatos usados na rua do lado de fora da casa. Os verbos no modo imperativo reforçam a importância de se adotar determinados cuidados e novos hábitos que ajudam a evitar a contaminação, em diálogo com as diretrizes divulgadas pelos meios de comunicação, pelos organismos competentes e responsáveis por conter a pandemia: Ministério da Saúde e OMS. As orientações, restritas a esse retângulo na parte inferior da capa, contrastam com aquelas da capa relacionada à figura do presidente. A escolha da palavra *responsável* contrapõe-se à ideia de atitude *irresponsável*, indicada pelo uso da expressão “perde a oportunidade de orientar a população e evitar multidões”. Nesse sentido, a linha que separa e circunda esse conteúdo, o fundo branco em contraste com o azul delimita os sentidos cuidar *vs.* descuidar; abrir os olhos *vs.* fechar os olhos, alertar *vs.* negar.

O espaço, isto é, a dimensão topológica em que as informações foram veiculadas na capa, demonstram também aspectos relacionados à hierarquia, aos papéis sociais dos sujeitos e à relevância das suas ações. No alto, ocupando quase todo o espaço da primeira página, estão organizadas as informações sobre como o Presidente da República do Brasil agiu durante a pandemia em contraste com os procedimentos indicados pela OMS e, abaixo, em tamanho reduzido, as “dicas” do que se poderia fazer para reduzir o impacto e o contágio da população pelo vírus. A palavra, o exemplo e a ação de um chefe de Estado emanam da autoridade, exercendo, portanto, sobre o povo uma prescrição, já que lhe é conferido o direito de criar mecanismos legais, impondo aos cidadãos a submissão sob pena de sanções; as dicas, ao contrário, são informações providas geralmente de conotação positiva, que podem ajudar o indivíduo a agir de forma mais acertada e que podem ou não ser seguidas, adotadas, acatadas. Neste caso, as dicas assumem um caráter mais persuasivo devido ao uso dos verbos no modo imperativo que interpelam o interlocutor a uma ação.

Graficamente, o tamanho que a fotografia do presidente ganha e sua centralidade na capa do jornal em comparação com o quadro de dicas, sugestões propostas que fica à margem, ou seja, a proporcionalidade que cada uma dessas orientações ganha na mensagem da capa é menos relevante do que a imagem do chefe de Estado e todo o poder que ele representa para disparar ações efetivas de prevenção e combate à doença. Por meio dessas escolhas multissemióticas, texto, imagem, cor, tamanho, forma, linha, o editor do jornal tensiona as medidas adotadas pela covid, mas, sobretudo, a decisão de orientar *vs.* desorientar no contexto da pandemia.

Para o trabalho com a AL/S interessa-nos justamente compreender como esses elementos hibridizados significam, ou como afirma Lemke (2010, p. 462)

como desenvolver letramentos críticos na escola e “ajudar os alunos a compreenderem exatamente como ler o texto de forma diferente e interpretar a imagem de forma diferente, em função da presença um do outro”.

No mundo em que as notícias rapidamente viralizam e que os discursos confirmam, refutam e refratam pontos de vistas e ideologias, a imagem do Presidente com a máscara sobre os olhos tornou-se viral. Nessa perspectiva, o uso indevido da máscara deslizou o sentido passando de uma atitude atrapalhada, para a ideia de expressão de negação da verdade, daquilo que pode ser visto, porque a ciência já havia demonstrado amplamente.

Nesse movimento de refração, no Twitter, multiplicaram-se réplicas e produções em outros gêneros, resultado de uma cultura mais participativa. Esse movimento de replicação se dá pela intertextualidade e diálogo com gêneros potentes nas mídias e, dentre esses gêneros, o meme apresenta enunciados que concretizam visões de mundo em novas possibilidades de produção, remixagem e compartilhamento em larga escala. Knobel e Lankshear (2020) argumentam que o meme de internet possui rápido aceite e dissemina, na web, ideias situadas que se materializam em diversas semioses, constituindo-se, dessa forma por uma composição com predomínio do modal. Os pesquisadores destacam ainda que esse gênero discursivo sempre apresenta “algum elemento de humor, variando de peculiar e inusitado” (Knobel e Lankshear 2020, p. 99).

Nessa direção, o meme (Figura 2), compartilhado no Twitter no dia 18 de março, retoma a imagem amplamente difundida na rede e capa do Jornal Extra, Figura 1, de nosso corpus. A imagem de Jair Bolsonaro ao lado de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, revela um posicionamento ideológico na arena discursiva e coloca em relevo o que a capa da revista New Yorker procurou demonstrar: um negacionista de extrema direita, despreparado que cometeu uma série de erros e levou os Estados Unidos a alçarem o topo das estatísticas de mortos pela Covid-19. Nesse sentido, Jenkins (2017) afirma que os memes apropriam-se de uma ideia original e a reelaboram, em diversas comunidades e espaços digitais “expandindo seus significados potenciais”.



Figura 2

Meme compartilhado no Twitter em 18 março 2020.

Fonte: <https://twitter.com/i/events/1240369758509432835>.

Na mesma direção, Knobel e Lankshear (2020 p. 99) esclarecem que há regularidades que contribuem para a fecundidade dos memes nas redes sociais, a saber:

- Algum elemento de humor, variado de peculiar e inusitado, ao humor escatológico, ao bizarro, às paródias e à ironia mais ácida;
- Uma rica gama de intertextualidade, como referências cruzadas irônicas a acontecimentos diferentes do cotidiano e da cultura popular, ícone ou fenômeno;
- Justaposições anômalas, usualmente de imagens.

O humor acionado pelo meme mobiliza resistência e constatação de uma outra realidade possível e explícita que o caráter universalizante do “riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre o mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem” (Bakhtin 2010, p. 12).

Em uma abordagem da AL/S a articulação entre diferentes práticas de linguagem potencializa o estabelecimento de redes de sentido, por isso selecionamos a Figura 3 que, na esteira dos altos índices de mortalidade causados pela covid-19, retoma a ideia da pandemia. A capa (Figura 3) foi publicada em 24 de março de 2021, portanto, mais de um ano após o início da pandemia, o que já nos permitia conhecer os efeitos da Covid-19 e o número de mortos em cada país.



Figura 3

Capa do Jornal Extra 24 de março 2021.

Fonte: <https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2021-03-40-24938736.html>.

No caso específico desta capa, o Extra fez uma escolha privilegiando a dobra. Para efeito de marketing, a capa do jornal é dividida em duas metades, a parte superior, colocada à mostra na banca, com objetivo de persuadir o interlocutor para a leitura, e a parte inferior que na dobra fica atrás, escondida.

Todas as informações da notícia principal foram impressas sobre o fundo preto, e antes da manchete há uma frase curta, denominada no jornalismo de chapéu, que antecipa uma informação sobre a manchete: “3.158 mortes em 24 horas”, em destaque, grafadas em vermelho, o que remete à relevância da informação, mas também à ideia de vidas ceifadas, pela semelhança à cor de sangue. A escolha do numeral, nesse caso o 3.158, serve para quantificar, para colocar em relevo o número elevado para um período relativamente curto que foi medido em “horas”.

Na manchete se lê em tipografia maior a frase “BRASIL ACIMA DE TODOS”, uma clara referência ao *slogan* de campanha do Presidente Jair

Bolsonaro “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, frase de efeito usada, geralmente, em seus pronunciamentos para manter conectados os seus eleitores e apoiadores à ideia do nacionalismo e dos valores cristãos e da família.⁴

A cor preta de fundo do jornal figurativiza o luto de milhares de pessoas e é reiterada pela imagem fotográfica, em primeiro plano, de uma família que sepulta o seu morto. A fotografia cujo enquadramento permite ter a ideia de um plano de conjunto direciona o nosso olhar para um amontoado de outros túmulos e restos de flores e, ao mesmo tempo, uma ausência de pessoas. O cemitério cheio de mortos e vazio de vidas, o silêncio do distanciamento social e a solidão das famílias que sequer podem reunir-se para chorar os seus mortos.

Mas é na dobra que a manchete “Brasil acima de todos” tem seu efeito de sentido subvertido, e ao invés da ideia de um Brasil próspero, a informação “onde mais se morre por covid no mundo” grafada sobre uma tarja vermelha sublinha a informação trazida em seguida por meio de um infográfico, Brasil lidera o número de mortos seguido pelos Estados Unidos. No enunciado verbal, o advérbio *acima* dá a localização espacial em uma imagem da terra de um cemitério, onde uma família enterra um ente querido, reforçando o efeito de sentido de o interesse de um país, acima das necessidades de sua população. A fotografia é feita em posição *contra-plongée*, isso é, de baixo para cima, estabelecendo uma relação de inferioridade da realidade capturada pela foto. Essa ideia é ainda reiterada pelo fato de o enunciado encontrar-se dividido visualmente, o que nos permite aventar que o “Brasil acima” que dá a ideia de ranking, de classificação é também um espaço, é um lugar, “onde mais se morre”.

O acionamento do *slogan* do presidente desliza no sentido e joga luzes sobre o sujeito enunciativo desse discurso em todos os cantos do mundo e que, de algum modo, estabelece uma relação de poder com o que se constata no infográfico. A ideia do *slogan*, se retirado do contexto da capa desse jornal, poderia reverberar outros sentidos: a de um Brasil próspero, que se afirma como potência no mundo; a de um grupo de paraquedistas que se propõe a combater o marxismo. No caso específico da Figura 3, os elementos visuais e verbais hibridizados produzem um efeito de sentido de responsabilização da alta estatística dos mortos por Covid-19 desconhecidos e solitários ao detentor do *slogan*.

Forma e conteúdo, como recordam Medviédev/Bakhtin (1994) estão relacionados na produção do discurso do enunciativo. Assim, compreende-se a importância como previsto na BNCC (Brasil 2018, p. 67) de que sejam contemplados “os modos de organização e elementos de outras semioses”, nas práticas de linguagens desenvolvidas na escola, pois para que os estudantes

⁴ Embora usado pelo presidente em sua campanha de 2018, slogan remete à década de 1960 e foi criado por um grupo de paraquedista nacionalista. Disponível em: <https://jornalhoraextra.com.br/coluna/de-onde-vem-o-slogan-brasil-acima-de-tudo/>.

possam produzir ou ler os textos contemporâneos precisam compreender como eles significam a partir da presença/ausência de elementos multimodais que co-significam no texto.

4. Conclusões

Neste artigo buscamos analisar como a AL/S pode contribuir para o letramento crítico dos estudantes. A análise evidenciou que as escolhas multissemióticas, texto, imagem, cor, tamanho, forma, linha, dentre outros elementos convergem e hibridizam-se na produção de sentido em uma dinâmica em que forma e conteúdo se articulam na produção do discurso.

A análise revelou também que o trabalho com a AL/S em textos multissemióticos explicita os modos de organização e os elementos de outras semioses que, em articulação, compõem os sentidos do texto. O acionamento dessas práticas de linguagem no espaço-tempo escolar são fundamentais para a produção e compreensão dos textos contemporâneos que significam por meio da presença/ausência de elementos multimodais que co-significam no texto.

Tais práticas escolares promovem o letramento crítico ao proporcionar o discernimento sobre os mecanismos de construção, manipulação e desinformação dos textos da esfera jornalística midiática contemporânea, na qual as imagens acabam por se tornar mais reais do que os próprios seres humanos e as tornam mais do que mera reprodução do real, pois “elas são retiradas de sua verdade” (Han 2018, p. 54) e acabam por distanciar os sujeitos não só da realidade, mas também do olhar do outro e, o mais preocupante, do olhar para o outro.

Notas biográficas: Maria de Lourdes Rossi Remenche é Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR - Curitiba), com pós-doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (UM - PT). Doutora em Linguística pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). A pesquisadora é docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos das Linguagens/PPGEL, líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada (GRUPLA).

Ana Paula Pinheiro da Silveira é Doutora em Linguística pela UFSC e Mestre em Estudos da Linguagem pela UEL. Professora do PPGEL da UTFPR com pesquisas na área de Semiótica, Multimodalidade e Letramentos.

Email: mremenche@professores.utfpr.edu.br; apsilveira@utfpr.edu.br

Referências bibliográficas

- Apple M.W. 1997, *Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora*, Vozes, Petrópolis.
- Bakhtin M.M. 2018, *Problemas da poética de Dostoiévski*, trad. port. de Bezerra P., Forense Universitária, São Paulo.
- Bakhtin M.M. 2013, *Vopróssi stilístiki na urókakh rússkogo iaziká v sriédnei chkóle*, trad. port. de Grillo S. e América E.V., *Questões de Estilística no Ensino de Língua*, Editora 34, São Paulo.
- Bakhtin M.M e Volochinov V.N. 1929, *Marksizm i filosofija jazyka*, trad. port. de Lahud M. e Vieira Y.F. 2014, *Marxismo e filosofia da linguagem*, Hucitec, São Paulo.
- Bakhtin M.M. 2010, trad. port. de Vieira Y.F. 2010, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, Hucitec, São Paulo.
- Brasil 2018, Base Nacional Comum Curricular, Ministério da Educação, Brasília.
- Brasil 1998, *Parâmetros Curriculares Nacionais*, Ministério da Educação, Brasília.
- Brasil 1997, *Parâmetros Curriculares Nacionais*, Ministério da Educação, Brasília.
- Daley E. 2010, *Expandindo o conceito de letramento*, in “Trabalhos em Linguística Aplicada” 49 [2], pp. 481-491.
- De Paula L. e Luciano J.A.R. 2020, *Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana*, in “Polifonia” 27 [49], pp. 15-46.
- Eckert U.K.H., Lewandowsky S., Chang E.P. e Pillai R. 2014, *The effects of subtle misinformation in news headlines*, in “Journal of Experimental Psychology: Applied”, 20 [4], pp. 323-335.
- Fairclough N. 2003, *Analysing Discourse: textual analysis for social research*, Routledge, London.
- Geraldi J.W. 1984. *Concepções de linguagem e o ensino de Português*, in Geraldi J.W. (org.), *O texto na sala de aula*, Ática, São Paulo, pp. 34 -49.
- Geraldi J.W. 2002, *Linguagem e ensino, Exercícios de militância e divulgação*, Mercado de Letras, Campinas.
- Han B.C. 2018, *No enxame: perspectivas do digital*, Vozes, Rio de Janeiro.
- Lemke J. 2010, *Letramentos Metamidiáticos: transformando significados e mídias*, in “Trabalho em linguística Aplicada” 49[2], pp. 455-479.
- Longhi R. 2014, *O turning point da grande reportagem multimídia*, in “Famecos” 21[3], pp. 897-917.
- Jenkins H. 2010, *Se non si diffonde, muore*, in “Link Mono, numero monografico Ripartire da Zero. Televisioni e culture del decennio”, pp.15-21.
- Knobel M. e Lankshear C. 2020, *Memes on-line, afinidades e produção cultural (2007-2018)*, in Chagas V. (org.), *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*, EDUFBA, Salvador, pp. 34 a 58.
- Lankshear C. e Knobel M. 2007, *Researching New Literacies: Web 2.0 Practices and Insider Perspectives*, in “E-Learning and Digital Media” 4 [3], pp. 224-240. Disponível em <https://doi.org/10.2304%2Flelea.2007.4.3.224>. Acesso em 24/09/2020.
- Lourenço D.C.G. 2018, *O eixo Análise Linguística/Semiótica na BNCC: a natureza dos objetos de Conhecimento para os Anos Finais do Ensino Fundamental*, programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, Campina Grande/PB.
- Medviédev P.N. 1928, *O método formal nos estudos literários: Introdução crítica a uma poética sociológica*, trad. port. de Américo E.V. e Grillo S.C. 2012, Contexto, São Paulo.

- Mendonça M. 2006, *Análise Linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto*, in Bunzen C. e Mendonça M. (orgs.), *Português no ensino médio e formação do professor*, Parábola Editorial, São Paulo, pp. 199-226.
- Mielniczuk L. 2003, *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*, tese de Doutorado (Comunicação) – UFBA/PPGCCC, Salvador.
- Reinaldo M.A. e Bezerra M.A. 2013, *Análise linguística: afinal a que se refere?*, Cortez, São Paulo.
- Silva T.T. 1999, *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Autêntica, Belo Horizonte.
- Tewksbury D., Hals M.L e Bibart A. 2008, *The Efficacy of News Browsing: The Relationship of News Consumption Style to Social and Political Efficacy*, “Journalism & Mass Communication Quarterly” 85 [2], pp. 257-272.
- Van Dijk T.A. 1991, *Racism and the Press*, Routledge, London.
- Williams R. 1994, *The Non-Designer's Design Book*, Peachpit Press, Bekerley/EUA, trad. port. de Gillon L.K. 1995, *Design para quem não é designer*, Callis, São Paulo.